

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O "MONUMENTO FUNERÁRIO" DA CITÂNIA. NOVA INTERPRETAÇÃO.

AZEVEDO, António

Ano: 1946 | Número: 56

Como citar este documento:

AZEVEDO, António, O "Monumento Funerário" da Citânia. Nova interpretação. *Revista de Guimarães*, 56 (1-2) Jan.-Jun. 1946, p. 150-164.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O "Monumento Funerário,, da Citânia (nova interpretação)

Assim se lhe chama, ou porque o julguem como tal ou pela comodidade da designação já estabelecida. Realmente é difícil atribuir-lhe qualquer função que não seja de carácter religioso. As suas dimensões não nos permitem procurar fora dêste âmbito qual-

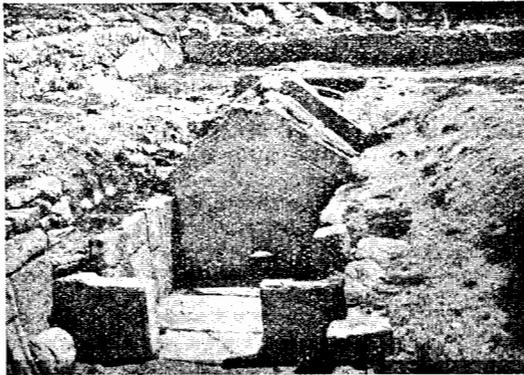


Fig. 1.

quer outra utilidade. O que nos parece, por razões que vamos expôr, é que se lhe não pode atribuir qualquer destino ligado ao culto dos mortos, mas ao culto da Vida que tem na Luz e na Agua a expressão máxima da sua eterna renovação. E não nos repugna admitir que a êsse culto talvez não seja estranha a machadinha de sílex, de bronze ou de ferro, como objecto representativo da actividade do Homem e da sua luta permanente para viver.

Foi, decerto, o machado o primeiro objecto útil

que o homem fabricou e, seguramente, o primeiro passo que deu para se libertar da animalidade; daí o culto que sempre lhe dedicou e que veio até aos primeiros tempos do cristianismo, aparecendo nas mais desconhecidas regiões do globo numa época em que os homens ainda se não conheciam. Não é, pois, de admirar que desde a escuridão das cavernas até aos primeiros alvares da Civilização, o homem visse sempre nesse objecto o elo forte da cadeia que o ligava à Vida.

Quando em 1930, ao rasgar-se a estrada para a Citânia de Briteiros, surgiu êste estranho monumento, (fig. 1), um pequeno desvio teve de ser feito para o poupar ao vandalismo dos senhores empreiteiros que a todo o transe queriam seguir o traçado previamente estabelecido, que, justamente, lhe passava por cima, sem o menor respeito pelo achado que vinha decifrar um dos mais curiosos enigmas da arqueologia peninsular, dando razão ao sábio arqueólogo e epigrafista alemão Hübner que sustentava que a posição da célebre «Pedra Formosa» era vertical e não horizontal, como pretendia Martins Sarmiento. Por fim, e não sem custo, foi vencida a rigidez despótica da burocracia nacional e salva a construção mais completa que até hoje surgiu das ruínas da Citânia de Briteiros.

Inútil se torna agora fazer a sua descrição já proficientemente feita e divulgada. Apenas vamos tentar demonstrar pelas observações que fizemos que a sua função não era nem podia ser de forno crematório como pretendem aqueles que lhe chamam monumento funerário, embora outros assim o designem com intenção diferente, isto é, para a prática de ritos fúnebres.

Se assim fôsse — onde estavam os vestígios do fogo?... Só com muito boa vontade é que lá se poderão encontrar. O fogo sobre o granito desgrega-o e os seus efeitos nunca mais desaparecem. Todos o sabem e ninguém constrói um forno que o não forre de tijolo refractário ou de barro. A «pedra formosa» dêste monumento que é, por assim dizer, a sua fachada principal, tem gravados interiormente alguns motivos que nunca estiveram sujeitos à acção corrosiva do tempo ou do fogo. As «ponteadas», isto é, as marcas do cinzel de ponta, são tão nítidas

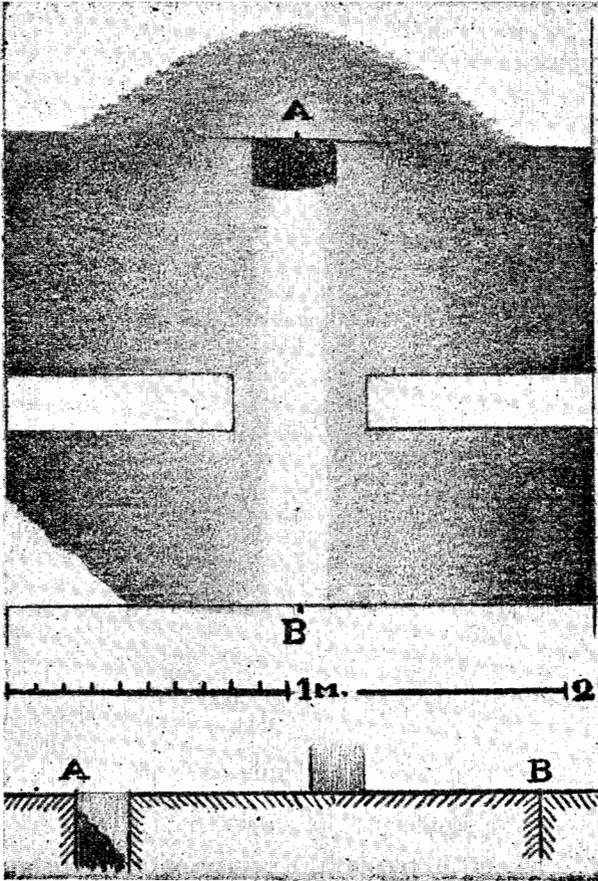


Fig. 2.

que nenhuma dúvida pode restar, e quem isto diz conhece bem as ferroadas que o «ponteiro» deixa, quer no granito quer no mármore, porque dele já tem feito uso bastante, sobretudo neste último material.

Diz algures, num artigo, Garcia y Bellido, que é preciso desconfiar dos vestígios do fogo, porque podem muito bem ser de indivíduos errantes que mais tarde se acoitaram nestes refúgios abandonados.

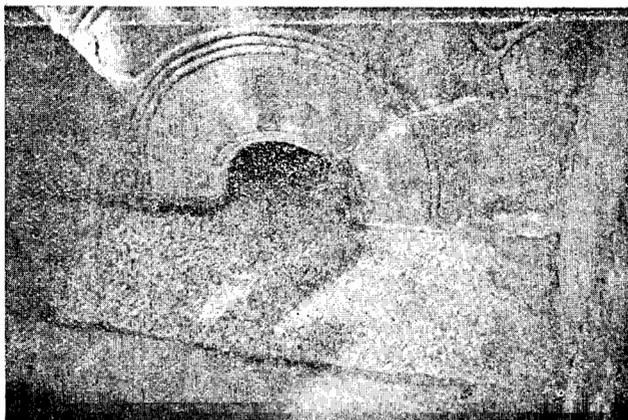


Fig. 3.

E tem razão em prevenir, embora não seja necessária a prevenção para o nosso caso, porque estamos convencido que o abandono e a destruição do nosso monumento foram rápidos, ficando logo coberto, ou quasi, com as primeiras aluviões pluviais. E' que a lage sôbre que assenta a «pedra formosa» apresenta um sulco pulido cujo brilho, bem visível quando da sua descoberta, já em tão poucos anos se desvaneceu pela acção das areias que as chuvas arrastaram. Se essa lage tivesse ficado, logo após a destruição do monumento, exposta à acção do tempo, o brilho teria desaparecido como desapareceu agora, restando apenas a macieza do desgaste que originou o pulido.

Este sulco ou rêgo pulido esbate-se para os lados até desaparecer (figs. 2 e 3) e acusa indubitavelmente

um movimento de fricção constante que se não pode atribuir a uso posterior, já pelas razões acima apresentadas, já porque a pedra em que isto se verifica foi *propositadamente* escolhida pela sua dureza e trazida de alguns quilómetros de distância, porque na Citânia não há dêste granito, que é conhecido por «pedra de galho» ou «dente de cavalo» (fig. 3), um dos mais duros que existem. Foi intencionalmente escolhido para resistir a um uso diário e constante em que a água corrente teve papel preponderante. Teria uma função puramente utilitária? . Nesse caso — para quê



Fig. 4.

tanta sumptuosidade? A fonte de «chafurdo» que se encontra mais acima é bem modesta e bem pobre (fig. 4).

Deve notar-se que o maior desgaste da lage, a ponto de produzir o sulco, se dá no sentido longitudinal do monumento (fig. 2), passando sob o pequeno arco da «pedra formosa», descendo desde a fossasita rectangular (A) até ao outro extremo da lage (B), estendendo-se ainda até às lages que se lhe seguem no sentido descendente.

Esta pequena fossa rectangular (não é bem rectangular) (fig. 5) é para nós uma nascente natural que deve ter desaparecido no decorrer dos séculos quando os

proprietários das terras baixas abriram minas em busca da água de que precisavam para as suas culturas, água aproveitada, antes disso, no local do monumento. A corroborar esta nossa suspeita — iam mesmo a dizer afirmação — está o facto de verificarmos numa pequena sondagem que fizemos, que a lage foi toscamente cortada em bisel, por baixo, a tôda a sua largura, para

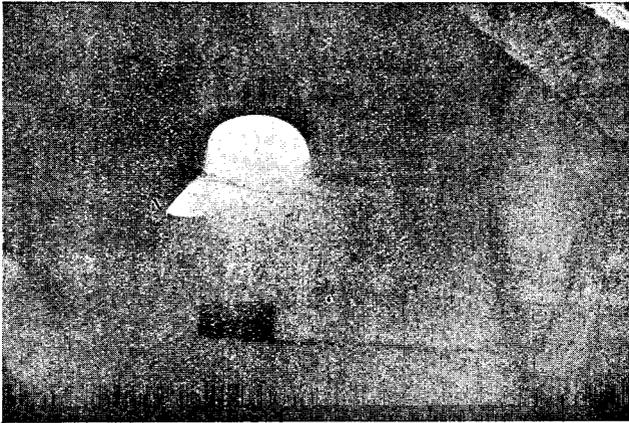
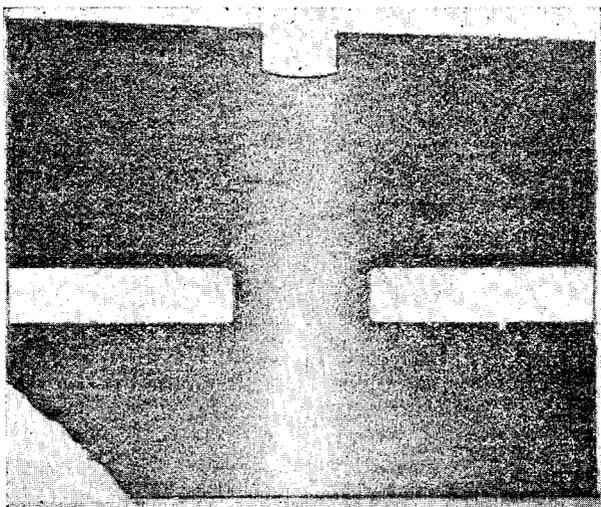


Fig. 5.

melhor aproveitar e conduzir a água à pequena abertura rectangular, como se pode observar no corte da figura 2. É interessante reparar que o esbatido do desgaste se dá também no sentido transversal, quer do lado de dentro quer do lado de fora do arco, não se compreendendo bem, à primeira vista, como isso se pudesse dar, tanto mais que o desgaste vai exactamente, e por igual, até junto da «pedra formosa», interior e exteriormente — o que nos leva à conclusão de que a «pedra formosa» foi colocada muito posteriormente, depois, talvez, de muitos anos de uso da lage que lhe serve de base. Uma análise minuciosa e atenta mostra-nos que o desgaste da lage se dá também para os lados, no sentido transversal, esbatendo-se numa perfeita gradação como se nada tivesse impedido a acção do desgaste, isto é, como se a «pedra formosa» não existisse. E, observando bem, vê-se

que o desgaste foi interceptado apenas por um corte feito na lage para encaixar a «pedra formosa», porque o pulido vai exactamente, com a mesma intensidade, quer do lado de dentro quer de fora, até ao golpe do cinzel — o que prova à evidência que a lage estava gasta antes de se lhe ter encaixado a «pedra formosa». Mesmo, como explicar qualquer trabalho feito simultaneamente dentro e fora do monumento? O impedição, o estorvo da «pedra formosa» não existia



Como deveria encontrar-se o pulido da lage se a «pedra formosa» nela estivesse encaixada desde o início.

quando a lage foi pulida e gasta por qualquer uso, que nos parece ter sido o de afiar objectos cortantes e perfurantes. Só mais tarde é que o local foi aproveitado para a construção dum Templo da Agua — permitam-nos que assim lhe chamemos porque é essa a interpretação que pretendemos dar-lhe — e então começa a sua função religiosa.

Como já dissemos, as suas dimensões são tão exíguas que é impossível explicar a sua existência para fins utilitários. Teve-os, mas antes da construção da câmara que tem como frente a «pedra formosa», e só

assim se poderá compreender e explicar a existência da outra câmara redonda a que Mário Cardoso chama «fornalha», que deve ser contemporânea da lage onde nascia e corria a água, e onde, realmente, há indícios de fogo. Estamos convencido de que outros monumentos iguais ou semelhantes que porventura venham a aparecer não apresentarão o pulido e desgaste nas

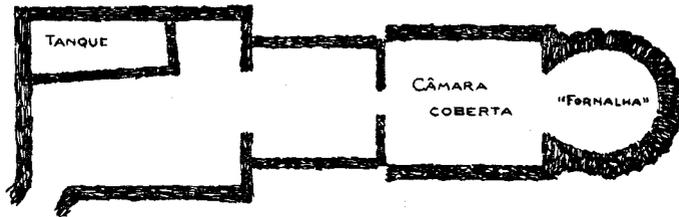


Fig. 6.

mesmas condições que se observam neste — a não ser que, como no nosso caso, os mesmos locais também tenham sido aproveitados posteriormente; mas também é natural que venham a aparecer outras pedras pulidas e gastas como a nossa, sem o templo a cobri-las. E' o que certamente sucedia na Saia, Vermoim e Sabroso, onde parece ter havido casos idênticos.

A planta desta estranha construção (fig. 6) desorienta o espírito mais arguto, sobretudo quando a queiram explicar como sendo dum forno crematório, e surge logo uma série de perguntas sem resposta. Se era um crematório — para quê duas câmaras? Ninguém pode aceitar que uma fôsse para colocar o cadáver e a outra para a combustão. Se assim fôsse o cadáver seria, quando muito, assado ou tostado pelo calor que irradiasse da câmara de combustão e não cremado. Além disso, se admitirmos que o cadáver podia ser cremado por irradiação do calor e não por combustão directa sôbre a chama, teríamos que colocar a chama antes do cadáver para que a tiragem do ar conduzisse o calor para êle e não o contrário, como parece querer explicar-se a cremação, visto ser a câmara um forno crematório e, como explica M. Cardoso, a tiragem da «fornalha» far-se-ia pela boca da «pedra formosa» saindo o fumo pela chaminé dessa

mesma «fornalha», de que êle encontrou vestígios dentro do monumento (fig. 7).

Que a «fornalha» era um foco calorífico, disso não nos resta a menor dúvida, mas que funcionou somente até à data em que foi construída a casa que tem como frente a «pedra formosa». Para explicar o seu funcionamento de forno com a câmara que a antecede, ter-se-á de recorrer à fantasia mais ou menos erudita e entrar no reino do absurdo. Imagine-se por momentos como poderia alimentar-se a combustão na «fornalha» e veja-se a ginástica física que era precisa

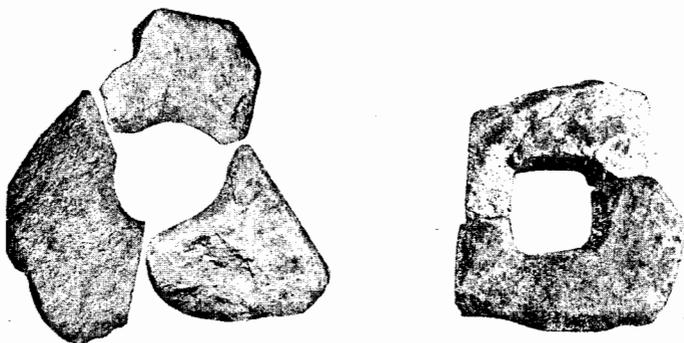


Fig. 7.

para o conseguir e a intelectual para o explicar, sabido e demonstrado como está de que a «fornalha» não tinha outra passagem para se lá chegar senão pelo pequeno arco da «pedra formosa», que mede apenas 0,50 de largo por 0,40 de alto. E pior ainda, se lhe collocarmos um cadáver dentro, estirado entre o pequeno arco e a porta da «fornalha» — porque então nem um cavaco se poderia lançar ao fogo.

Resta-nos agora, posta de parte a ideia do forno crematório, analisar outras hipóteses, a do hipogeu, por exemplo, de que também discordamos, porque os hipogeus, como a própria palavra o diz, são subterrâneos, como, por exemplo, os poços sepulcrais das *mastabas* e dos hipogeus egípcios, e o nosso monumento não o podemos considerar subterrâneo. E' uma construção que, em parte, aflorava quási a superfície

da terra, ficando o resto ao ar livre. No hipogeu, cremos, não se deve poder ver nada de fora para dentro. O que obrigou a ser feita a construção a uma certa profundidade, foi a água — a da nascente local e a que vinha do alto da Citânia, bem como, também, as paredes terem necessidade dum encontro seguro para resistirem à forte pressão das pedras da cobertura.

A propósito da água temos também que fazer algumas considerações.

Actualmente não há na Citânia uma gota de água e a Sociedade de Martins Sarmiento já fez sondagens e ouviu vedores para a possibilidade de abastecer a casa do guarda. No entanto é facto averiguado, documentado e incontestável que na Citânia havia água nascente quando era habitada. Mas admitindo que a Citânia se encontrava ainda hoje virgem de minas, temos também de admitir que o sistema metereológico a que estava sujeita era o mesmo, ou quasi, que o actual, isto é, a irregularidade atmosférica tão característica dos regimes insulares e peninsulares, sobretudo o da nossa península, situada entre o Mediterrâneo e o vastíssimo Atlântico, sempre sujeita às variantes alternadas do sistema continental e do insular, por isso devia haver, como ainda hoje há, grandes períodos de estiagem — por vezes de anos, como ainda últimamente sucedeu — em que a falta de água na Citânia devia ser aflitiva. Mesmo só excepcionalmente, e em anos muito chuvosos, é que a água da Citânia poderia abastecê-la, não um ano inteiro, mas, no máximo, uns escassos nove meses. Vejamos o que sucede, actualmente, todos os anos, à população de Guimarães abastecida pelas minas da Penha!...

As chuvas eram, certamente, mais reguladas pelas florestas então existentes, mas a Citânia é quasi uma colina sem ligação com qualquer sistema montanhoso de cujas altitudes pudesse vir a água para seu abastecimento, portanto não existe para ela um sistema orográfico de captação e armazenagem de chuvas que lhe pudesse fornecer água com relativa regularidade.

Depois disto exposto, calcule-se a alegria das gentes que lá habitavam quando a água brotasse novamente de qualquer das nascentes habituais! Era como

o aparecimento dum ente querido, há muito emigrado, e que se julgasse já levado pela sombra da morte, perdido para sempre! E digam se isto não era o suficiente para gerar o embrião dum culto a que os romanos portadores de uma civilização com raízes profundas no paganismo grego dariam forma definitiva. Os assaltantes que deviam a miúdo assediar

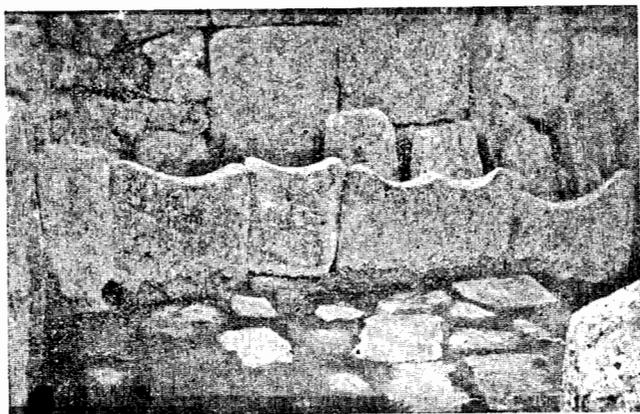


Fig. 8.

estes povoados castrejos não se esqueciam certamente de escolher a época da estiagem para rapidamente os privarem da primeira arma de resistência — a Água — que teria de ser procurada, como agora, ou do lado de cima, já fora das muralhas, ou em baixo na planície. Como poderiam resistir sem essa deusa protectora?...

E' ainda pela água e a sua utilização no "monumento funerário" que vamos explicar o desgaste das pedras do tanque e da lage do pretenso forno crematório.

Qualquer pessoa pode verificar que é quasi impossível afiar no chão, num pavimento, uma faca, um punhal, uma lança ou uma espada, mas poderá verificar também que isso se torna absolutamente cómodo e fácil numa pedra colocada verticalmente e de pouca espessura; é o que sucede nas guardas do tanque do monumento (fig. 8). Se porém fôr preciso afiar um

machado, um cinzel, um formão ou qualquer peça perfurante, então desaparece tôda a facilidade e comodidade e o chão com a água a correr será o melhor local para essa operação; é o caso da nossa lage pulida e gasta.

Vamos também analisar a hipótese da pequena fossa rectangular servir para receber gorduras que, possivelmente, escorressem do cadáver. Esta hipótese também a consideramos inaceitável; primeiro, porque seria preciso que tôdas as vertentes do pavimento convergissem para a fossa e não para o exterior do monumento, que é o que se verifica pelo seu declive bem acentuado e pelo sulco pulido que justamente nasce na fossa, indicando bem nitidamente que não recebia líquido algum, antes pelo contrário, brotava dela; segundo, porque mesmo que o pavimento conduzisse as gorduras para a tal fossa, a terra ao fim de pouco tempo, ficaria tão impregnada de gordura coagulada que nenhuma mais poderia absorver.

Temos também a hipótese de guarda de cinzas (*colombarium*) contidas em recipientes colocados no interior da câmara e da "fornalha", mas então lá nos surge a falta de liberdade de movimentos para executar qualquer trabalho como o que originou o desgaste e o pulido da lage. Portanto, esta hipótese, que parecia aceitável, fica prejudicada por essa razão.

Fica-nos agora a última hipótese e a mais aceitável — mas de harmonia com a não existência da "pedra formosa" — e que é a do açougue ou matedouro. Esta sim, esta não temos dúvidas em a perflhar, e a descrição feita por Leite de Vasconcelos das figuras esculpidas nas guardas do tanque da Saia, em Barcelos (fig. 9), ajuda-nos a pronunciar-nos a seu favor: "...tem o braço direito em flexão, e com a mão esquerda segura o galho de um touro, de que só porém se distingue a cabeça, vista de frente, e parece que as pernas (assim interpreto os labores que se notam na pedra). No da figura ... abriga-se outro personagem de tunica, as pregas da qual são bem claras; o rosto do personagem é comprido, o cabelo ou toucado cai para os lados; o braço direito está em flexão, e a mão segura um objecto indecifrável que se confunde com o ombro esquerdo..."

E lá estão as mesmas pedras gastas como as do tanque da Citânia (fig. 8), indicando bem que o desgaste foi produzido pelo afiar de instrumentos cortantes com a ajuda da água.

Continuamos na nossa afirmação: a função religiosa do monumento é posterior ao seu uso utilitário, bem como a sua construção.

Voltemos ainda à câmara coberta e façamos mais algumas considerações para esclarecer o nosso ponto



Fig. 9.

de vista. Se houvesse fogo na primeira câmara não se encontraria a lage pulida nem gasta pela fricção com a ajuda da água, ou a sêco — mas, neste caso, sem fogo.

No caso de não ser crematório e havendo sinais evidentes de fogo na «fornalha», ocorre também perguntar: para que serviria então êsse foco calorífico e por onde era introduzida a lenha? Pelo pequeno arco da «pedra formosa», não era possível; pela falsa cúpula da «fornalha» também não, porque estava

coberta com grandes pedras; pela chaminé também não, porque não é verosímil nem aceitável esta hipótese.

Tôdas estas perguntas ficam sem resposta, mas fazendo desaparecer a «pedra formosa» e a câmara que se lhe segue, a explicação torna-se fácil e compreensível e então aceita-se logo a existência de fogo na «fornalha» e a sua utilidade imediata de simples lar para cozinhar ou aquecer águas ou braseiro servindo de forja ou ainda forno para louça.

Se repararmos nas soleiras das portas de qualquer estabelecimento, onde passam constantemente milhares de pés, notamos que elas se encontram mais pulidas no meio que dos lados junto à base das ombreiras, onde o desgaste nem as chega a atingir. Ora é precisamente o que se não verifica na lage do pavimento, que aparece desgastada por igual até ao corte em que encaixa a «pedra formosa», e como não era possível fazer-se o desgaste por igual com os pés das pessoas que lá trabalhassem ou praticassem qualquer ritual, também não era possível que ao afiar ou pulir qualquer objecto se andasse com êle à roda da planta da «pedra formosa». E mesmo se admitíssemos essa hipótese absurda, teríamos que encontrar a «pedra formosa» gasta, junto ao chão, pela fricção do objecto que teria fatalmente de roçar por ela para levar o desgaste até à linha do seu encaixe.

Em conclusão: Só podemos considerar o «Monumento funerário da Citânia» como um templo dedicado à Agua, construído posteriormente, decerto já no período romano, aproveitando o lugar onde já existia o forno e a nascente natural. As duas fontes difficilmente teriam água simultâneamente. Depois de uma grande estiagem, a primeira nascente a dar água seria a do alto da Citânia, mas em breve deveria desaparecer. No entretanto a água das primeiras chuvas ir-se-ia infiltrando através do monte e chegaria à nascente baixa quando a do alto já estaria sêca por se encontrar quási no cume. Actualmente, quer numa quer noutra, não brota a mais insignificante gôta de água, mesmo num inverno de grandes chuvas. A água sumiu-se para sempre!

Algumas das hipóteses que analisamos correm de

bôca em bôca, ou por dedução própria ou por leituras feitas, sobretudo através do livro de Mário Cardoso «*A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e interpretação da Pedra Formosa*» em que as apresenta. Foi êle o investigador que primeiro viu o monumento da Citânia e o primeiro a divulgá-lo, e cremos que tudo que se tem escrito tem como base o seu estudo.

Nós de há muito que pensávamos diferentemente, embora não pudéssemos definir claramente o nosso pensamento por nos faltar qualquer coisa que o sustava e o prendia. Essa qualquer coisa foi encontrada quando acompanhámos na primavera do ano corrente o jovem arqueólogo irlandês Eóin MacWhite numa visita à Citânia e chamávamos a sua atenção para aquilo que sempre mais nos preocupou — o desgaste da lage. Depois de a limparmos bem, êle notou com estranheza que estava gasta e pulida por igual até à base de assentamento da «pedra formosa». Ficámos desorientados e, de momento, não soubemos explicar o estranho facto. Não desanimamos — o que nos faltava estava encontrado, restava explicá-lo. Foi o que tentamos agora fazer.

Guimarães, Maio de 1946.

ANTÓNIO DE AZEVEDO.